



Editorial

É com grande satisfação que o *Centro de Estudos e Pesquisas em História da Arte e Patrimônio da Universidade Federal de São João del-Rei* – CEPHAP – apresenta o segundo número da *Rocalba*, sua revista eletrônica. Com periodicidade anual, a *Rocalba* possui como missão a divulgação de pesquisas concluídas ou em andamento nas diversas áreas vinculadas à história da arte e ao patrimônio, contribuindo para a democratização dos saberes e a difusão do conhecimento científico.

Com o já passado aniversário da edição inaugural, colhemos os frutos de uma afortunada recepção e vimos agora, ao final de mais um ano completamente desafiador, celebrar a publicação do número que nos permite a inserção definitiva no rol das revistas científicas. Nesse sentido, gostaríamos de agradecer a todos que confiaram em nosso trabalho, sobretudo àqueles que submeteram seus artigos a um periódico iniciante num momento em que as publicações eletrônicas se multiplicam e em que a busca desenfreada por pontuação curricular é o que dita a tônica dessa disputa desigual.

No processo extenso do que foi um intenso aprendizado, organizamos nosso corpo editorial e científico e reestruturamos as normas de submissão a fim de garantir a qualidade e a isenção desejadas. Nesse ínterim, um exaustivo diálogo foi estabelecido com os autores, sempre objetivando a melhor qualidade da publicação. Desta forma, agradecemos sinceramente aos articulistas contemplados por sua confiança, paciência e disponibilidade. Aproveitamos também para externar nossa gratidão aos mais de 40 profissionais envolvidos na cadeia editorial, em especial os pareceristas de diversas instituições que dedicaram seu tempo e energia a esta importantíssima contribuição.

Por fim, apresentamos brevemente este número, a começar por sua capa, que traz o detalhe de uma rocalha pintada no forro da sacristia da Irmandade de São Miguel e Almas da Matriz de N.

Senhora do Pilar de São João del-Rei, centro pulsante da cidade e monumento que em 2021 celebrou os 300 anos de sua fundação.

A seguir, abrindo o dossiê ‘história da arte’, no artigo **Caritatis splendor: a apoteose de São Francisco de Paula na Igreja da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos – Rio de Janeiro, séc. XIX**, Fernando Gonçalves e Marcos Vinícius Vieira Coutinho apresentam um estudo histórico e estilístico do conjunto escultórico de autoria de Antônio de Pádua e Castro representando a apoteose do orago do referido templo. Reunindo os dados sobre a formação do culto a S. Francisco de Paula no Rio de Janeiro a uma análise formal e iconográfica, os autores contribuem para a recuperação histórica de uma obra de talha oitocentista praticamente ignorada pela historiografia da arte brasileira.

Leonardo Caetano de Almeida, em **Nossa Senhora da Penha de França: caminhos da devoção entre São Paulo e Minas Gerais**, investiga a possibilidade da transferência dessa devoção mariana de origem hispânica de São Paulo a Minas Gerais a partir dos caminhos bandeiristas. O autor traz a público um conjunto de exemplares da imaginária seis e setecentista remanescentes em São Paulo e em diversas localidades mineiras, buscando o estabelecimento de relações formais e iconográficas entre eles, contribuindo assim para o conhecimento da circulação de obras e ideias em torno da produção artística nesse eixo geográfico.

Alessandra Castelo Branco Bedolini, no artigo **Tradições ininterruptas. A continuidade da azulejaria barroca luso-brasileira na obra de Adriana Varejão**, parte de uma contextualização histórica da produção dos revestimentos cerâmicos que constituem uma das mais características expressões da arte lusitana – os azulejos – e ressalta seu papel de destaque na arquitetura brasileira colonial. A autora examina a obra *Celacanto provoca maremoto* (2008), de Adriana Varejão, buscando na remissão da artista à linguagem azulejar a “essência barroca” que a vincula a um conhecimento passado.

Em **A Capela de Nossa Senhora dos Anjos da Vila Nova da Rainha do Caeté: História e Arte**, Maria Clara Caldas Soares Ferreira aborda os aspectos arquitetônicos e da ornamentação interna desse pouco conhecido templo mineiro, fundamentando-se

em transcrições de códices feitas por Sylvio de Vasconcellos e em fotografias do IPHAN datadas da década de 1950.

No artigo **Reconhecimento de oficinas regionais e atribuição de autoria: limites e contribuições para o estudo da escultura religiosa em Minas Gerais**, André Colombo e Fábio Zarattini problematizam os procedimentos metodológicos envolvidos na práxis da atribuição de autoria de peças de imaginária sacra, destacando os riscos infligidos pela pressão do mercado e da prevalência de análises subjetivas que, uma vez publicadas, tornam-se verdades indefinidamente replicadas.

Gustavo Oliveira Fonseca contribui com **A produção de retábulos em Minas Gerais e a historiografia do tema: uma breve discussão conceitual**, onde apresenta uma revisão historiográfica concisa a propósito da produção de retábulos, em especial no ambiente mineiro, buscando identificar o arcabouço teórico-metodológico que tem orientado a produção acadêmica sobre o assunto. O autor “propõe a ampliação deste conceitual e também um prolongamento temporal destes estudos, geralmente focados somente na produção setecentista.”

Fechando o Dossiê História da arte, o artigo de Frederico Lopes intitulado **O fontanário l'Été e a modernização de São João del-Rei** volta à cidade do final do Oitocentos, onde a demolição dos chafarizes coloniais e a instalação em praça pública de um fontanário em ferro fundido fabricado em série encarnaram o desejo de renovação e a ânsia pelo moderno e pelo civilizado.

Abrindo o dossiê ‘patrimônio’, em **Vagalumes do carnaval: um estudo sobre as narrativas e memórias de manifestações mascaradas carnavalescas do Rio de Janeiro**, Camila Serrão Pinto e Nilton Gamba Junior apresentam os resultados de uma pesquisa que recuperou e mapeou a imagem fugidia e dispersa de diversos personagens mascarados que compuseram uma história mais remota do carnaval fluminense. Neste processo, que entende tais festejos e sua materialidade como patrimônio a ser preservado, desenhos foram elaborados para a constituição de um acervo visual de registro, e uma narrativa infantojuvenil envolvendo os personagens carnavalescos surgiu como produto final.

Maria Cláudia Orlando Magnani, Heitor Bispo Júnior e Maurizio Fedeli contribuem com o artigo **Pedra do Raio: um mito universal no Alto Vale do Jequitinhonha**, com o qual trazem à luz um tema muito pouco conhecido do público acadêmico e praticamente intocado, no Brasil, pelos estudos das áreas de arqueologia e patrimônio. Para sua apresentação da “pedra do raio”, os autores lançam mão de um amplo repertório de abordagens, transitando das mitologias orientais, ocidentais e africanas à história das religiões e às narrativas populares de diversos períodos, e da geografia e geologia à etnografia e arqueologia.

No artigo **Acerca da política da poética visual dos museus**, Luciano Chinda Doarte propõe uma reflexão crítica sobre o papel dos museus e dos contextos museais como locais de transmutação do significado das obras expostas, capazes de fomentar a reescrita – nunca isenta – das narrativas sobre tais objetos no instante em que eles são deslocados de seu contexto original.

Karin Philippov, em **Considerações acerca da desterritorialização da antiga Matriz da Sé de São Paulo**, analisa, na longa duração, o processo de desterritorialização do antigo templo e da subsequente territorialização da nova catedral da Sé até alcançar sua atual conformação. A autora ressalta, na nova territorialização, tanto a adesão do projeto a preceitos Ultramontanos quanto a criação de um discurso de modernidade vinculado ao progresso da cidade impulsionado pelo capital cafeeiro e pela ferrovia.

Isabelle Viana Coelho escreve **Herança material e simbólica dos campos de concentração no Ceará**, artigo em que analisa os vestígios materiais e simbólicos dos campos de concentração criados no interior do Ceará a fim de manter os flagelados da seca de 1932 longe da capital. A autora faz uma reflexão sobre a herança trazida por esses espaços e sobre a importância da preservação desse patrimônio cultural e histórico no fortalecimento da identidade local e da memória coletiva.

Por fim, em **Narrativas das intervenções realizadas pelo IPHAN (1957-1971): a Escola Edson Motta nos bens integrados da Matriz Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei/MG**, Elis Marina Mota relata a dinâmica do processo de

restauração dos bens integrados da Matriz são-joanense em dois momentos diferentes por profissionais oriundos da Escola Edson Motta. A autora identifica modificações empreendidas, faz descobertas concernentes à configuração dos elementos artísticos enquanto traz à luz nomes e metodologias de profissionais de conservação e restauro.

Sem mais para o momento, desejamos a todos e todas um excelente ano novo e uma ótima leitura!

O comitê editorial

